

Imigrante, estrangeiro, expatriado - entre o desejo da hospitalidade e o encontro com a hostilidade

*Thaís Valim Ramos*¹

Abstract: The analysis and reflections made in this article arise from reports - obtained through Skype - of Brazilians who have been living abroad for over a year. Anchored in the theoretical apparatus of French Discourse Analysis, we seek to analyze in these discourses, in the movement beyond frontiers of these subjects - not only geographic frontiers, but of meanings - the different terms used to designate these subjects, such as immigrant, foreigner and expatriate. Terms whose meanings slide depending on the place occupied by these subjects in the space of the other. Along this path we bring to discussion the power relations, as well as the places that occupy these Brazilians when in developed countries. These subjects, as foreigners in a developed country, wish to belong, to be part of the other culture; however, the difference attested in the image of the immigrant coming from peripheral countries - as is the case of Brazil - is rejected and marginalized. Facing this rejection, the subjects look to their country, with which they no longer identify, placing themselves in the limbo of the in-between cultures.

Keywords: immigrant; foreign; expatriate; belonging; in-between culture.

Resumo: As análises e reflexões que se fazem presentes neste artigo surgem a partir de relatos - obtidos via Skype - de brasileiros que estão residindo no exterior há mais de um ano. Ancorando-nos no aparato teórico da Análise do Discurso francesa, buscamos analisar nestes discursos, no movimento para além fronteiras destes sujeitos - fronteiras não só geográficas, mas de significados -, os diferentes termos usados para designar estes sujeitos, tais como imigrante, estrangeiro e expatriado, termos cujos sentidos deslizam dependendo do lugar que ocupam estes sujeitos no espaço do outro. Neste percurso trazemos para discussão as relações de poder, bem como os lugares que ocupam estes brasileiros quando em países desenvolvidos. Estes sujeitos, enquanto estrangeiros em país desenvolvido, desejam pertencer, fazer parte da outra cultura, no entanto, a diferença atestada na imagem do imigrante vindo de países periféricos - como é o caso do Brasil - é rejeitada e marginalizada. Frente a esta rejeição, os sujeitos se voltam para seu país, com o qual já não se identificam mais, colocando-se, assim, no limbo do entre-culturas.

Palavras-Chave: imigrante; estrangeiro; expatriado; pertencimento; entre-cultura.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professora na Universidade de Passo Fundo (UPF).

Neste artigo, inscritos no aparato teórico da Análise do Discurso (AD) Francesa, tratamos da relação dos sujeitos brasileiros com o Brasil e com os países desenvolvidos. Uma relação tensa dado o fato de que o brasileiro nem sempre é bem-vindo nos países ditos desenvolvidos pelo fato de o Brasil ser considerado um país periférico. Nesta esteira são usados diferentes termos para se referir a estes sujeitos quando estão no espaço do outro, tais como imigrante, estrangeiro e expatriado, termos que aparecem no arquivo² desta pesquisa e que produzem sentidos diferentes dependendo da posição de quem os enuncia. Abordaremos estes termos a fim de entender o lugar que estes sujeitos ocupam neste outro espaço e como se colocam frente ao seu país de origem - o Brasil.

O sujeito da AD não é o indivíduo, o sujeito empírico, e sim o sujeito do discurso, que carrega marcas do social, do ideológico, do histórico e do cultural, e que, no entanto, tem a ilusão de ser a fonte do seu dizer. Temos, assim, um sujeito que se encontra dentro de uma formação social, onde assume sua posição-sujeito, resultado de uma rede de memória acionada pela FD na qual se inscreve. Trata-se, portanto, de um sujeito histórico e assujeitado ideologicamente. Orlandi (2004), ao estudar o espaço da cidade, explica que a organização social vai refletir a verticalidade da formação social (espaço social hierarquizado) no espaço horizontal, separando regiões e estabelecendo fronteiras nem sempre visíveis. A autora (ibid. p. 35) diz que “nesse processo de verticalização, ‘socius’ (o aliado) e ‘hostis’ (o inimigo) se indistiguem, e a cidade passa a ser urbanizada num movimento em que as diferenças, verticalizadas, se significam pela remissão categórica a níveis de dominação”. Verticalidade que se aplica aos Estados Nacionais, uma vez que trata de parte de um imaginário que abriga o social e que organiza jurídica e administrativamente um espaço.

Dessa forma, a noção de espaço como materialidade permite chegar ao funcionamento da sociedade na qual o sujeito habita. O espaço, conforme Rodríguez-Alcalá (2002), produzido pelos sujeitos tem uma forma específica, que resulta das condições econômicas, políticas e culturais das sociedades em que vivem. A autora (ibid. 2002) afirma que há um recobrimento do espaço pelo Estado, este determinando a legitimidade dos sujeitos de se fixarem e circularem em um espaço nacional através de seus mecanismos jurídicos, administrativos, técnicos, econômicos. Temos, assim, diferentes designações para significar este movimento dos sujeitos que atravessam o espaço das nações e que significam o funcionamento do social com suas fronteiras, bem como o fluxo de sujeitos nestes espaços e a relação de poder que prevalece ou não.

Uma palavra por outra

Algumas designações para o fluxo de sujeitos para além das fronteiras podem ser encontradas no arquivo desta pesquisa, tais como *imigrante*, *expatriado* e *estrangeiro*. Estas designações significam diferentemente, sendo essas diferenças de ordem político-ideológica. Diz-nos Pêcheux (2009 [1975], p. 239) que

2 Há mais de um ano, aceitaram fazer parte da pesquisa 18 pessoas, com as quais conversamos por Skype após esclarecimentos via e-mail. As entrevistas contaram com o relato de brasileiros que estavam residindo nos seguintes países: Portugal, Espanha, França, EUA, Noruega, Catar, Alemanha, Suíça, Inglaterra, Canadá.

o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, um outra expressão ou proposição; e esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (meta-phora), pela qual elementos significam passam a se confrontar, de modo que “se revestem de um sentido”.

Assim, os sentidos são produzidos de acordo com as posições de quem enuncia, ou seja, os sentidos existem nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, sinônimos) a partir de uma formação discursiva, que dita os sentidos possíveis, ainda que sob a ilusão de que os sentidos estão grudados às palavras. É a partir de um dispositivo ideológico que o sujeito é levado a interpretar – o que, segundo Orlandi (2012, p. 18-19), trata-se de um gesto de interpretação que “é o lugar próprio da ideologia e é ‘materializada’ pela história [...]. Ela sempre se dá de algum lugar da história e da sociedade e tem uma direção, que é o que chamamos de política”.

De modo geral, as designações imigrante, estrangeiro e expatriado são usadas indistintamente como alguém que vem de outro lugar. No entanto, seus sentidos dependem da posição daquele que fala, podendo sempre vir a ser outros. Primeiramente sobre o termo imigrante, e outros a ele associados (imigrar e imigração), encontramos, respectivamente no dicionário Caldas Aulete online³ e no dicionário HOUAISS, também online⁴, os seguintes significados:

No dicionário Caldas Aulete online⁵:

IMIGRANTE (*i.mi.gran.te*)

1. Diz-se de pessoa que imigra ou imigrou, estabelecendo-se em país diferente do seu.

2. Essa pessoa

[F.: *Do lat. immigrans,antis. Ant. ger.: emigrante. Hom./Par.: emigrante (adj.e subst.). Cf.: migrante*].

IMIGRAR (*(i.mi.grar)*)

1. Entrar e fixar residência em país estrangeiro [int.: Meus avós portugueses imigraram para o Brasil.] [ta. : Seus avós imigraram no século passado. Antôn.: emigrar]

[F.: *Do lat. immigrare. Cf.: migrar*]

No dicionário HOUAISS, também online⁶:

IMIGRANTE

s.m. e s.f. Pessoa que habita e possui residência fixa (legal ou ilegal) num país estrangeiro; esse prêmio é uma homenagem a Jeseoph Pulitzer, um imigrante húngaro de Budapeste. adj.

Diz-se da pessoa que se estabelece ou se encontra estabelecida num país estrangeiro; que imigra ou imigrou.(Etm. do latim: immigrans.antis)

3 CALDAS AULETE, F. J.; VALENTE, A. L. S. *iDicionário Aulete*. Lexikon Editora Digital Ltda. Disponível em: <www.aulete.com.br>. Acesso em: 14 jul. 2016.

4 HOUAISS, A. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <www.dicio.com.br/houaiss/>. Acesso em: 14 jul. 2016.

5 CALDAS AULETE, F. J.; VALENTE, A. L. S. *iDicionário Aulete*. Lexikon Editora Digital Ltda. Disponível em: <www.aulete.com.br>. Acesso em: 14 jul. 2016.

6 HOUAISS, A. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <www.dicio.com.br/houaiss/>. Acesso em: 14 jul. 2016.

IMIGRAÇÃO

s.f. Ação de se estabelecer em um país estrangeiro. (Antôn.: emigração.).

Nestas definições, está presente a ideia do pertencimento, “país diferente do seu”, “país estrangeiro”. Este sujeito está deslocado, não pertence ao lugar onde se estabelece, produzindo, dessa forma, um efeito de exclusão. A palavra “entrar”, que também aparece nas definições, implica um movimento vindo de “fora”, o que reforça a concepção de não pertencimento deste sujeito. Do mesmo modo, pode-se interpretar que o imigrante é aquele está em busca de guarida, cuja permanência não é breve, conforme observamos pelo uso das orações “estabelecendo-se”, “habita e possui residência fixa”.

Sayad (1998), sociólogo francês que pesquisa sobre a questão da imigração na França, traz à tona a questão da ambiguidade presente no termo imigrante, que oscila entre um estado provisório que define o termo de direito e a situação duradoura que caracteriza o fato. Sobre o caráter provisório do imigrante, diz o autor (ibid) ser este necessário ao próprio imigrante, que, sentindo-se numa sociedade hostil, precisa se convencer de sua condição provisória.

A temática da imigração esteve sempre associada a assuntos econômicos. Nas sociedades industrializadas, representava a mão de obra necessária para o desenvolvimento da nação. Dessa forma, a estada permitida ao imigrante está sujeita ao trabalho, a única razão de ser que lhe é atestada. Segundo Sayad (1998, p. 55), “foi o trabalho que fez ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz ‘morrer’ o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser”, sendo assim um “não-nacional”, excluído do campo político e devendo permanecer como tal. Sua existência deve gerar mais vantagens econômicas do que custos. Nesta visão, o imigrante está associado a uma “máquina”, no entanto, é preciso lhe conceder um mínimo indispensável para sua sobrevivência.

Auxiliada pela visão etnocentrista, a relação de forças que subordina o imigrante coloca-o como inferior, como devedor, enquanto deveria ser credor, já que está sob a ação civilizadora de países desenvolvidos. Neste sentido, a imigração foi considerada como um problema social sob influência de diversos fatores, tais como: o espaço econômico, político, cultural, linguístico, religioso, dentro da concepção do nacional. Trata-se da relação do imigrante com o emprego/desemprego, com a habitação, com o voto, com a velhice, entre outras, bem como a justificativa de ser um “não-nacional”.

Para Delgado (2003), o imigrante carrega um estigma negativo, é um intruso, está associado à pobreza, procede de um território menos moderno, considerado atrasado em termos civilizatórios. O imigrante é visto como perigoso, constitui um excedente do qual se deseja livrar, já que ameaça a integridade e segurança dos cidadãos. Segundo o autor (ibid), não se refere a alguém proveniente de um país rico como imigrante.

A sede pela modernização guiada pelo mercado, pela comercialização dos modos de subsistência dos sujeitos, progrediu e atingiu todos os cantos do planeta. A expansão da forma de vida moderna a nível mundial provocou, conforme Bauman (2005, p. 14), um movimento grande de “seres-humanos destituídos de formas e meios de sobrevivência – até então adequados, no sentido tanto biológico quanto social/cultural”. Como resultado, tem-se a problemática dos imigrantes e dos refugiados, que representam nas estratégias globais e na lógica das lutas pelo poder um temor relacionado à segurança. Segundo o autor (ibid, p. 72), os imigrantes, representados como um “perigo para a segurança”, ofereciam um foco alternativo e conveniente para as apreensões causadas pela instabilidade e vulnerabilidade das posições sociais e, dessa forma, serviam como um escoadouro para descarregar a ansiedade e raiva resultantes dessas apreensões.

Os imigrantes são alvo fácil e visível, além de imóveis. Assim, somado ao fato da “inutilidade” destes, eles lembram a vulnerabilidade que assombra os sujeitos, sua condição descartável, bem como sua rotina familiar ilusoriamente segura. Surge um alvo para representar o crime, precisa-se “combater o crime” – dito de outro modo, os imigrantes servem de pretexto para se reforçar os muros, que deveriam desaparecer com a dita globalização, separando os que estão “dentro” e os que estão “fora”. A associação entre os imigrantes ou refugiados com o terrorismo maculou, desonrou a ideia do “asilo”, que, segundo Bauman (2005, p. 74), era questão de orgulho civil, esta “foi reclassificada como uma horrorosa mistura de ingenuidade vexatória com irresponsabilidade criminosa”.

Seguindo para o termo “estrangeiro”, encontramos, no dicionário Caldas Aulete online⁷ e no dicionário HOUAISS, também online⁸, as seguintes definições. No dicionário Caldas Aulete online⁹:

Top of Form

ESTRANGEIRO (*es.tran.gei.ro*)

-
1. *Que é ou que vem de outro país (roupas estrangeiras)*
 2. Ref. a ou próprio de estrangeiro (4) (hábitos estrangeiros)
 3. Diz-se de país que não é o nosso (estados estrangeiros)
 4. Indivíduo de outro país

No dicionário HOUAISS, também online¹⁰, temos a seguinte definição:

ESTRANGEIRO

adj. e s.m. Que é natural de outro país. Que não faz parte de uma família, de um grupo. Ser estrangeiro em seu país, desconhecer suas leis, seus costumes, seus hábitos.

Sobre a designação estrangeiro, observamos, nestas definições, a relação dentro e fora, bem como a concepção do não pertencimento, já que este sujeito não conhece as leis, os usos e costumes ou o idioma deste espaço. Espaço que pode ser o do seu próprio país. O estrangeiro pode ser, portanto, considerado inimigo, invasor, aquele que vem desestabilizar a ordem. Está presente o sentido do nacional como um grupo, uma família que partilha traços comuns. Ao estrangeiro não está associado tempo de permanência, podendo-se inferir que o estrangeiro está ligado ao movimento, ao ir e vir sem vínculo com o local; já o imigrante supõe um tempo de permanência, busca um espaço para fixar residência, mesmo que temporária.

Koltai (2000), citando Garner (1983), retoma a evolução da etimologia da palavra estrangeiro. Este termo deriva do latim *extraneus*, adjetivo que significa “vindo de fora”. A partir do Império Romano, esta palavra, como substantivo, representa uma categoria política. Até o séc. XIV, em francês, “estrangeiro” aludia ao que era incompreensível ou fora do comum. No séc. XVI, em inglês, a palavra *strange* se referia à mulher adúltera e

7 CALDAS AULETE, F. J.; VALENTE, A. L. S. *iDicionário Aulete*. Lexikon Editora Digital Ltda. Disponível em: <www.aulete.com.br>. Acesso em: 14 jul. 2016.

8 HOUAISS, A. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <www.dicio.com.br/houaiss/>. Acesso em: 14 jul. 2016.

9 CALDAS AULETE, F. J.; VALENTE, A. L. S. *iDicionário Aulete*. Lexikon Editora Digital Ltda. Disponível em: <www.aulete.com.br>. Acesso em: 14 jul. 2016.

10 HOUAISS, A. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <www.dicio.com.br/houaiss/>. Acesso em: 14 jul. 2016.

ao não familiar, ou seja, que a família não reconhece, e só no séc. XVIII passa a tratar de alguém vindo de outro país¹¹.

Simmel (2005 [1908]), sociólogo alemão do século passado, cujas ideias são ainda muito atuais, é muito referido quando se trata da questão do estrangeiro. O autor considera que o ser estrangeiro se encontra mais perto do distante; segundo o autor (ibid, p. 2), “o estrangeiro é sentido, então, precisamente, como um estranho, isto é, como um outro não ‘proprietário do solo’”. O estrangeiro é móvel, um sujeito que surge sem estar vinculado a nada nem a ninguém.

Para Simmel (2005 [1908], p. 6), na relação com um estrangeiro, o que existe é um “não relacionamento”, ele é considerado como alguém de fora, como um não-membro, e, portanto, as relações se dão a partir de um certo distanciamento e de um ódio. Ódio que, segundo Kristeva (1994 [1941], p. 21), “proporciona consistência ao estrangeiro [...] o ódio o torna real, autêntico de alguma forma, sólido ou, simplesmente, vivo”. É contra essa parede dolorosa que o estrangeiro procura se afirmar para si e para os outros. Trata-se de um lugar familiar e até mesmo seguro por ser um lugar onde é visto, lembrado e, por vezes, temido. Através da expressão do ódio estabelece-se a comunicação com o estrangeiro, ao contrário da indiferença, que torna esses sujeitos invisíveis.

Ao que parece, os sujeitos são frágeis e agressivos, individualizados e coletivizados, solidários e egoístas, globais e locais. Ao invés da ilusão de ser uma coisa ou outra, o “ou ... ou”, soma-se, entra em jogo o “e ... e”.

Na sociedade moderna, o discurso que circula não cessa de falar da felicidade, do sucesso, que são obrigações daqueles que fazem parte desta sociedade. Os sujeitos se voltam para as promessas de felicidade, essas promessas, bem como o culto ao sucesso os cegam, permitindo que enxerguem somente o que a ficção lhes oferece. No entanto, os sujeitos continuam com a dúvida “quem sou eu?”, “quem sou eu neste mundo globalizado?”.

A ideia da globalização criou a ilusão de podemos ir a qualquer lugar, e, frente à propagação da imagem do que seria o mundo desenvolvido e civilizado, os sujeitos almejam tornar-se parte destes espaços. No entanto, dada a fragilidade dos sujeitos, estes constroem muros, separando quem está “dentro” e quem está “fora”, mas não porque quem está fora é mais forte e sim o contrário. O que é feio, o que dá medo, não deve ser visto. O medo da exclusão, da sua fragilidade faz com que os sujeitos rejeitem, descartem o mais fraco. Este é visto como a escória da humanidade, é o responsável por seus problemas, é incapaz e deve desaparecer.

Essa visão impede que o sujeito se coloque no lugar do outro. É um lugar que dá medo e, por isso, deve ser mantida certa distância deste. Assim, o sujeito olha para o outro lado, afinal de contas, “é problema dele e não meu!”.

Os discursos que mantêm a coesão de um grupo projetam no outro todas as suas angústias e medos. Estes sujeitos são temidos e odiados não pela sua diferença, mas pela sua semelhança e por isso são demonizados. Condição estranha esta dos sujeitos: eles se fortalecem num grupo, se submetem a este por medo da exclusão, medo de ser demais, mas, uma vez fortalecidos, recusam-se a incluir o outro, sob o pretexto de sua inferioridade. Fazem-se ver e ser invejados para existir, mas para isso humilham e maltratam o outro. É uma condição de dependência: para sentir-se superior é preciso que alguém seja inferior.

Ouvem-se declarações de paz, justiça e igualdade, enquanto a violência aumenta. Mas a ordem e a subordinação se mantêm com a violência, caso contrário, não existiriam

11 Retornaremos a noção do estranho em Freud ainda neste artigo.

tantos aparelhos repressores e ideológicos do estado e – porque não? – do mundo. A violência do sistema é quase o “crime perfeito”, esconde-se na linguagem e torna os sujeitos responsáveis por si mesmos, pelo que dizem, pelo que fazem e pela sua condição. A violência mostrada e marginalizada, muitas vezes, é atribuída aos grupos excluídos, coagidos a se defender na tentativa de não virar refugio e querer existir.

A categoria do estrangeiro ganha forma e significado sócio-político com a criação do Estado Nacional, onde há necessidade de se produzir uma homogeneidade entre aqueles que estão dentro, bem como de consolidar e reconhecer diferenças entre quem está fora e facilitar, dessa forma, o controle e a constituição das fronteiras de uma nação. Essa repulsa pelo estrangeiro surge, segundo Kristeva (1994 [1941]), com a crise das concepções religiosas e morais. Na esfera destas concepções, o estrangeiro é um sujeito diferente, que pode ser comparado à aliança dos sábios ou dos justos. O nacionalismo torna-se, assim, “o sintoma, primeiramente romântico, em seguida totalitário dos séculos XIX e XX” (KRISTEVA, 1994 [1941], p. 10).

Um grupo forma-se em torno da renúncia ao gozo, do recalque de um significante. Dessa forma, a condição estrangeira, como diz Goldenberg (1998, p. 79), “consiste em permanecer na coletividade sem recalcar o mesmo significante”, o estrangeiro representa o retorno do recalcado. Isso posto, o que incomoda com relação ao estrangeiro é seu modo de gozar, reconhecer que todo gozo não lhe pertence. O estrangeiro traz um rosto outro que marca um limite que foi transposto e que confronta os membros do novo país com a possibilidade de ser outro, até então desconhecido. Desse encontro, evidencia-se a condição do estrangeiro que faz parte de todos, traz-se à tona questões e diferenças angustiantes. Vale, aqui, trazer o termo “extimidade” forjado por Lacan. O termo designa o ponto marcado pelo surgimento da angústia quando o sujeito do desejo toca naquilo que há de mais íntimo e profundo. Aquilo que é estrangeiro ao sujeito e ao mesmo tempo habita no seu íntimo. É o horror ao mais íntimo, que, tomado como objeto externo ao eu, constitui-se como objeto de ódio e de segregação.

Contudo, com Freud, avistamos o estrangeiro que vive em nossa casa desde sempre. O estranho que é igualmente familiar, o exterior que é interior, aquilo que nos causa angústia e horror por viver conosco, tão escondido que se perde e que com o estrangeiro retorna. Freud (1996 [1919]), em sua obra “O Estranho”, aborda a coincidência entre o familiar e o não familiar, refere-se à ideia de casa e também de desalojamento; à estranheza que irrompe no encontro com aquilo que era para ficar oculto, mas veio à luz. Este estranho que nos habita e causa espanto por ter sido excluído compreende a ligação entre os registros simbólico e real, os quais, num instante, se exteriorizam no imaginário. Esse impossível de se dizer, captado pelo simbólico e apresentado no imaginário, é insuportável; as palavras, imagens e sentidos se perdem, mas, mesmo assim, o sujeito é obrigado a organizar essa experiência em um cenário, parte da realidade.

Alberto Camus (1999 [1942]), em seu livro “O Estrangeiro”, traz a figura do estrangeiro como personagem principal; este, de nome Mersault, um argelino que leva uma vida de indiferença, em que toda rejeição e insultos lhe são indiferentes. Causa estranheza o modo como encara a vida, enterra sua velha mãe e não chora, não aparenta nenhuma afeição, não se importa com ninguém, não acredita em Deus, assassina um árabe na praia e justifica o homicídio dizendo que o sol estava muito quente. Ele não compartilha da opinião da sociedade, vive à sua margem.

A condição de errante de Mersault, de viver à margem, sua indiferença, a falta de sentido do mundo o tornam diferente, ele não faz parte daquele espaço e, por isso, ele é

temido, considerado perigoso, não se sabe do que ele é capaz e dele é preciso se livrar. É nesta descrição do absurdo que encontramos a figura do estrangeiro, daquele que não pertence, que não conhece e não respeita as regras e leis e, por isso, encontra-se livre de restrições. Essa liberdade, bem como sua diferença, é que incomodam.

Apesar da indiferença de Mersault a tudo que o rodeava, quando se depara com a possibilidade da existência, quando ele é visto, percebe a indiferença que o angustiava, que o tornava invisível. Ele deseja ser reconhecido, mesmo que seja através da demonstração de ódio no dia da sua execução, ódio que lhe dá consistência, visibilidade – isso provaria sua existência, conforme podemos interpretar a partir do segmento do texto de Camus (1999 [1942], p. 121-122), transcrito abaixo:

Neste momento, e no limite da noite, soaram sirenes. Anunciavam partidas para um mundo que me era para sempre indiferente. [...] Também eu me sinto pronto a reviver tudo. Como se esta grande cólera me tivesse purificado do mal, esvaziado de esperança, diante desta noite carregada de sinais e de estrelas, eu me abria pela primeira vez à terna indiferença do mundo. Por senti-lo tão parecido comigo, tão fraternal, enfim, senti que fora feliz e que ainda o era. Para que tudo se consumasse, para que me sentisse menos só, faltava-me desejar que houvesse muitos espectadores no dia da minha execução e que me recebessem com gritos de ódio.

Podemos nos referir à necessidade de ser olhado para ser considerado. A questão do olhar remete a questões sociais e políticas importantes, bem como à necessidade de atenção, consideração, respeito, reconhecimento e dignidade. Assim sendo, o sujeito relegado à invisibilidade não existe e, portanto, fica à mercê da dimensão violenta do olhar, que não considera, não reconhece, nega ao sujeito o direito de existir. Dessa forma, o olhar social relega sujeitos e sociedades à invisibilidade, estimulando a desigualdade e o poder de uns sobre outros. Esta condição de não ser olhado e, por consequência, não existir, tornava Mersault indiferente ao mundo, condição que é alterada a partir do momento em que se sente “olhado”, tendo o prazer de existir e de representar algo, mesmo que diante de sua execução.

Por fim, os significados para os termos expatriado e expatriação encontrados nos dicionários Caldas Aulete online¹² e Houaiss online¹³ são:

Dicionário Caldas Aulete online¹⁴:

Top of Form

EXPATRIADO (ex.pa.tri:a.do)

1. Pessoa que foi expatriada ou se expatriou, que vive, voluntariamente ou não, fora de seu país.

2. Que se expatriou; que passou por processo de expatriação.

[F.: *Part. de expatriar. Sin. ger.: exilado. Ideia de: pater-.]*

12 CALDAS AULETE, F. J.; VALENTE, A. L. S. *iDicionário Aulete*. Lexikon Editora Digital Ltda. Disponível em: <www.aulete.com.br>. Acesso em: 14 jul. 2016.

13 HOUAISS, A. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <www.dicio.com.br/houaiss/>. Acesso em: 14 jul. 2016.

14 CALDAS AULETE, F. J.; VALENTE, A. L. S. *iDicionário Aulete*. Lexikon Editora Digital Ltda. Disponível em: <www.aulete.com.br>. Acesso em: 14 jul. 2016.

EXPATRIAÇÃO (*ex.pa.tri:a.ção*)

1. Ação ou resultado de expatriar(-se); DESTERRO; EXÍLIO; EXPATRIAMENTO
2. Emigração.

Top of Form

Dicionário Houaiss online¹⁵:

EXPATRIADO

s.m. Indivíduo que foi alvo de expatriação; quem se expatriou; pessoa que foi obrigada ou não a viver fora de seu país. adj. Que foi alvo de expatriação; que se conseguiu expatriar. (Etm. Part. de expatriar)

EXPATRIAÇÃO

s.f. Ação ou efeito de expatriar ou expatriar-se; que ou quem está em exílio.

De acordo com a definição disponível nos dicionários supracitados, o termo expatriado denomina aquele que sai do seu país, ou seja, aquele que vive fora de sua pátria por vontade própria ou por imposição. No entanto, esta palavra também é utilizada no mundo corporativo, que, com o crescimento econômico, procurou ampliar suas unidades de negócios e, para isso, desloca seus funcionários para viver e trabalhar em outros países. Segundo a revista *Profissional e Negócios* de outubro de 2013¹⁶, uma pesquisa global da consultoria Mercer revelou que 70% das companhias esperam investir em expatriações de curto prazo e 55% em longo prazo. É de competência da empresa cuidar dos detalhes da expatriação do funcionário, bem como de sua adaptação e de sua família.

Podemos dizer que a palavra expatriado, ao ser incorporada no mundo dos negócios, sofre um deslizamento de sentido, passando de um sentido negativo, que compreende aquele que é expulso do seu país, para um sentido positivo, aquele que vai para outro país a trabalho, com toda assessoria de uma empresa. Há, dessa forma, um apagamento da historicidade e do político que este termo encerra, passando a refletir um cunho elitista e etnocêntrico, já que, na prática, se refere exclusivamente a pessoas brancas ocidentais que vão trabalhar em outros países, conforme mostra um artigo do *The Guardian* (2015)¹⁷. No artigo, encontramos que

Defined that way, you should expect that any person going to work outside of his or her country for a period of time would be an expat, regardless of his skin colour or country. But that is not the case in reality; expat is a term reserved exclusively for western white people going to work abroad. Africans are immigrants. Arabs are immigrants. Asians are immigrants. However, Europeans are expats because they can't be at the same level as other ethnicities. They are superior. Immigrants is a term set aside for 'inferior races' [...] Here

15 HOUAISS, A. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <www.dicio.com.br/houaiss/>. Acesso em: 14 jul. 2016.

16 PROFISSIONAL E NEGÓCIOS. *Tempos de Expatriação*. 23 out. 2013. Disponível em: <http://www.profissionalenegocios.com.br/materias/materia.asp?cod_materia=452>. Acesso em: 1 ago. 2016.

17 KOUTONIN, Mawuna Remarque. Why are white people expats when the rest of us are immigrants? *The Guardian*, mar. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2015/mar/13/white-people-expats-immigrants-migration?CMP=share_btn_fb>. Acesso em: 1 ago. 2016.

are the main conclusions: “Some arrivals are described as expats; others as immigrants; and some simply as migrants. It depends on social class, country of origin and economic status”.¹⁸

Tem-se, assim, o significado das palavras dado pela ideologia que nos constitui como sujeitos. Esses sentidos apontados pela ideologia dominante deixam visíveis as relações de poder entre países ricos e pobres, essa ideologia tem sua origem a partir do etnocentrismo¹⁹, que ainda não foi superado.

Vejam alguns sentidos para estes termos nos recortes abaixo, selecionados do nosso arquivo.

SD 1 - *Eu acho que... como eu te falei, eu sou ainda muito diferente, e eu me sinto assim, acho que todo mundo se sente assim. Tudo... tudo, todo imigrante se sente assim, um pouco diferente assim, um pouco E.T, né, no meio de todo mundo normal. (Carol²⁰ - EUA).*

SD 2 - *Pois é, então... é, eu tô começando a entender um pouquinho disso, e eu me sinto uma imigrante, sim. É... aquilo que se diz que a Noruega recebe... fica muito feliz em receber estrangeiros, eu tenho um pouco de dúvidas em relação a isso, porque o jeito que eles me tratam, assim, porque assim, eu falo em inglês com eles aqui. O meu inglês é... eu me viro no inglês, e eles falam em norueguês com você. Depois que você pede por favor para eles falarem em inglês com você, daí eles falam, mas eles não dão muita trela, entendeu? (Laura - Noruega).*

SD 3 - *Uma das dificuldades no começo é na hora de conseguir alugar apartamento... conseguir fazer conta num banco... até porque tu sendo estrangeiro... eles sempre não tem as mesmas facilidades que dão pro pessoal que mora aqui... (Lucas - Espanha).*

SD 4 - *É só pra quem vem na condição de expatriado, como meu esposo, que aí é acordado que só inglês basta. Isso acontece com quase todo estrangeiro que tá aqui, já é acordado que só o inglês basta. Do contrário, como eu vim acompanhando, se eu for procurar um emprego aqui, eu tô concorrendo com um local e falar a língua é bem difícil. (Maria - Taiwan).*

SD 5 - *no condomínio onde a gente morou tem muito estrangeiro e eles não dominavam a língua inglesa ainda, então os primeiros amigos dos meus filhos foram os angolanos que moravam no condomínio [...]. Em Londres você é imigrante né, então o fato de você não falar o inglês e assim, eu falava inglês, mas o meu inglês com sotaque americano, já te torna um imigrante certo? (Carla - México).*

SD 6 - *É, eu tenho uma particularidade, ahm, porque eu... bom, aí é realmente muito particular, mas, ahm, eu brinco que eu nasci expatriado, né? Eu nasci no Brasil e cresci a minha infância nos Estados Unidos, depois voltei pro Brasil, e aí a minha adolescência e a minha formação mesmo foi... foi no Brasil. Ahm, e sou filho de mãe imigrante, minha mãe é espanhola e imigrou pro Brasil. Então em termos de afinidade com o Brasil, pessoal, eu não tenho tanto. Pra mim o Brasil é simplesmente mais um país, mas do ponto de vista cultural, político, ahm, o ambiente social e tudo mais, o Brasil não me agrada. (Paulo - Inglaterra).*

18 Definido deste modo, você deve esperar que qualquer pessoa indo trabalhar fora do seu país por um período de tempo seria um expatriado, independentemente de sua cor da pele ou país. Mas este não é o caso na realidade; expatriado é um termo reservado exclusivamente para pessoas brancas ocidentais que vão trabalhar no exterior. Africanos são imigrantes. Árabes são imigrantes. Asiáticos são imigrantes. No entanto, europeus são expatriados porque eles não podem estar no mesmo nível de outras etnias. Eles são superiores. Imigrante é um termo reservado para ‘raças inferiores’ [...] Aqui estão as principais conclusões: “Alguns estrangeiros são descritos como expatriados; outros como imigrantes, e alguns simplesmente como migrantes. Depende de sua classe social, país de origem e status econômico”. (Tradução da autora).

19 O etnocentrismo trata da tendência do sujeito a considerar o seu modo de vida o mais “correto”, mais natural pelo fato de ver o mundo através de sua cultura.

20 Por razões de ordem ética, os nomes utilizados nas SDs são fictícios.

Na SD 1, Carol sente-se imigrante, este entendido como alguém diferente, um extra-terrestre, alguém que não é considerado normal. Ela se coloca, portanto, em posição de submissão. O brasileiro sofre de uma baixa autoestima frente ao resto do mundo, devido à sua história de colonização de exploração predatória e à ideia de que os problemas que assolam o Brasil estão incrustados na sua cultura. Desse fato resulta a tendência a identificar-se com o que é proveniente do exterior. O que é externo acaba servindo como referência daquilo que é civilizado para ditar o conceito de desenvolvimento. Dito isso, Carol, não se sentindo parte deste lugar, considera-se “anormal”; no entanto, busca adequar-se a este espaço, o que se pode constatar pelo uso do advérbio “ainda” em “sou ainda muito diferente”. Essa questão da diferença perturba quando o que Carol deseja é ser igual, anseia por uma identidade que a torne parte do lugar e que ofereça segurança. Mesmo que uma segurança oca, que centra suas possibilidades de ser outro aos sabores e às circunstâncias impostas pelo outro.

Laura também remete a figura do imigrante ao diferente na SD 5. Ela é lembrada disso a todo momento por meio da hostilidade dos noruegueses. Hostilidade que se manifesta na língua, dado o fato de os noruegueses se recusarem a falar o inglês com Laura, colocando-se numa posição de dominação, mantendo-a em sua posição de imigrante, impedindo-a de participar da sociedade, já que a língua partilhada é um elemento de dominação, servindo a interesses precisos e, dessa forma, estabelecendo um distanciamento. Quando se refere à felicidade dos noruegueses em receber pessoas de outros lugares, usa a palavra estrangeiro, no entanto, dada a forma como é tratada, se sente imigrante, fato do qual é sempre lembrada por não falar o idioma do lugar. Conforme Gagnebin (2010, p. 42), o estrangeiro “que vive conosco dessubstancializa a proximidade do próximo e o distanciamento do distante, ameaçando a identidade local”. O brasileiro estando a distância, em seu espaço de origem, desperta curiosidade, interesse pelo seu caráter exótico, no entanto, em proximidade, traz o risco da ameaça, da “contaminação” daqueles considerados civilizados.

Lucas nomeia-se estrangeiro na SD 3, aquele que vem de outro lugar e é, portanto, diferente. Diferença que é revelada por meio das dificuldades impostas a ele quando realizando as mesmas atividades diárias de um espanhol, atividades necessárias para poder viver no local. Sua permanência não é desejada neste espaço enquanto estrangeiro. Os laços sociais estabelecidos pela criação do Estado-nação estabelecem exigências de proteção e o retorno ao familiar que foi ameaçado com a ideia da globalização, dessa forma, as barreiras precisam estar firmes para manter à distância os “outsiders”, aqueles que fazem aparecer a miséria do que antes era confinado à dimensão local, e que agora compartilham a sorte com milhões de migrantes e refugiados, conforme diz Bauman (2005). Assim, as barreiras surgem através da imposição de dificuldades, obstáculos, proibições com relação ao estrangeiro. Estes são excluídos por não serem suficientemente diferentes, podendo, portanto, desaparecer na multidão, é preciso, então, torná-los espetacularmente diferentes.

Na SD seguinte, Maria refere-se ao seu esposo como expatriado pelo fato de ter ido trabalhar em Taiwan por meio da empresa a que estava vinculado. O estrangeiro que chega na condição de expatriado ocupa uma posição diferente, não se trata somente de um estrangeiro, bem como não é um imigrante, ainda que sua mudança esteja relacionada ao trabalho. Embora o termo de origem latina qualifique alguém sem pátria, esta designação, usada no mundo dos negócios, implica um vínculo com o país de origem devido à ligação com a empresa que proporcionou sua mudança. A condição de expatriado é vista como uma oportunidade por estes sujeitos, que deixam o Brasil para viver uma experiência no exterior sob a tutela de uma empresa, que é responsável por moradia, transporte, adapta-

ção, segurança, entre outros, o que torna sua permanência mais fácil e aceitável. Há, como já referimos, um esvaziamento de sentido no tocante a esta palavra, deixando de lado tudo o que ela representou, por exemplo, na época da ditadura: quando sujeitos eram expulsos do Brasil, não podendo a este retornar, eram expatriados.

O expatriado, como um executivo de negócios, não se vê como um invasor, muito menos, como um sem pátria, mas como alguém que vai ocupar um lugar privilegiado. Dessa forma, o expatriado não precisa falar a língua local, ele já tem um lugar garantido, não precisa conquistá-lo. A diferença entre o expatriado e o imigrante está na carga ideológica que estes termos carregam. As condições de produção que falam do imigrante são diferentes daquelas que dão origem ao expatriado.

O sentido positivo atribuído à palavra expatriado também pode ser observado na SD 6, quando Paulo se diz expatriado, um sem pátria, desde que nasceu. Ele nega sua origem brasileira, mesmo tendo passado a maior parte da sua vida no Brasil, ao mesmo tempo em que valoriza sua vivência nos EUA, bem como o fato de sua mãe ser espanhola, imigrada no Brasil. No caso de sua mãe, Paulo dá um valor positivo à palavra imigrante, já que se trata de um país europeu. Assim, Paulo identifica-se com sua mãe, colocando-se também em posição de estrangeiro no Brasil, que ele diz considerar apenas um país, não mostra nenhuma afeição com relação a este, o que, normalmente, se espera de um cidadão. Paulo exclui-se também dos problemas existentes no Brasil, coloca-se numa posição de observador por não se considerar parte desta cultura. Entretanto, mesmo desejoso por ocupar um lugar no espaço do outro, o seu outro brasileiro também o constitui, está presente no seu processo de subjetivação.

Na SD 5, observa-se o valor atribuído à língua. Em ambos os lugares em que Carla morou, a língua da dominação é o inglês. Enquanto na Angola, a língua dos estrangeiros é o inglês, lugar de prestígio frente aos locais. O fato de seus filhos falarem português possibilitava somente a interação com os angolanos, o que gera a possível interpretação de que o objetivo é falar inglês para fazer parte do grupo dos estrangeiros, já que a língua local não dá acesso aos mesmos privilégios. No entanto, falar a língua inglesa na Inglaterra não tem a mesma notoriedade. Sendo esta a língua falada neste espaço, não é dado a quem chega o direito de considerá-la sua, é preciso manter um distanciamento e estabelecer diferenças, é preciso reforçar o caráter do imigrante.

Observa-se, nestes recortes analisados, que a exclusão e a diferença são marcantes quando se trata da presença de brasileiros em países desenvolvidos. Nega-se, assim, a participação destes sujeitos neste espaço político-ideológico. Neste jogo, aqueles oriundos de países desenvolvidos gozam de maior prestígio e poder, por conseguinte reclamam para si a autoridade de dizer a verdade sobre povos considerados periféricos, no caso, os brasileiros, os quais se reconhecem nesse olhar. Em vista disso, desvalorizam seu país, conformam-se com os problemas deste, bem como, devido ao seu sentimento de inferioridade, buscam, desejam o reconhecimento e aceitação do outro “civilizado”, que está constantemente estabelecendo fronteiras. Estas produzem a diferença que carrega marcas da presença do poder. Segundo Foucault (2012, p. 92), “o indivíduo não é o dado sobre o qual se exerce e se abate o poder. O indivíduo, com suas características, sua identidade, fixado a si mesmo, é o produto de uma relação de poder”. Dessa forma, as fronteiras que representam o poder de incluir/excluir quem vem de outro lugar não dizem respeito somente à geografia, mas também à história e aos discursos produzidos que determinam quem é o “nós” e quem são “eles”.

O estrangeiro depara-se, assim, com o desamparo, seja por sentir-se excluído da cultura e, com isso, não possuir laços, seja pela impossibilidade de dizer tudo, o que em outra língua serve para reforçar a diferença com relação ao estrangeiro, e não a incompletude própria da língua. Quando o sujeito se depara com sua condição de desamparo, a perda que implica ser estrangeiro faz com que este se volte para sua cultura, devido ao laço social que ela representa, em busca do conforto. O desamparo, nas obras de Freud, diz respeito às relações traumáticas; dessa forma, quando o sujeito se depara com sua vulnerabilidade, esta remete à angústia da impotência gerada pelo estado de desamparo infantil, decorrente do que Freud denominou “complexo do próximo” (FREUD, 1995 [1976]). O complexo do próximo compreende o laço social com o outro, ou seja, aquele laço que zela, que fornece os cuidados necessários para seu bem-estar e que é construído a partir da linguagem. O laço social submetido à linguagem está também submetido ao Outro.

Voltando-se para o estrangeiro, este deseja estabelecer laço social na outra cultura, no entanto, a relação com o outro não é de proteção e amor, mas um laço social a partir de uma violência simbólica que o exclui e o torna alvo de hostilidade, intensificando o mal-estar. As diferenças estabelecidas diante do estrangeiro são predominantemente etnocêntricas. Nesse sentido, é imposto ao estrangeiro uma estigmatização, à qual o sujeito se submete na busca pelo aceite, pelo amor e pela proteção desse “ser” superior representado pela outra cultura.

Contudo, mesmo quando assimilado por essa cultura, o estrangeiro será sempre aquele que vem de outro lugar, mesmo renegando suas origens. Frente à sua vulnerabilidade, esses sujeitos se voltam para sua cultura, seu país de origem, a fim de tamponar o desamparo, e acabam não se reconhecendo em nenhum lugar, dado que as relações e os elementos que fazem o laço social se reestruturaram e o que era estranho torna-se familiar, bem como o que era familiar agora soa estranho.

O “limbo” do entre-culturas e a ilusão do pertencimento

Em um contexto sócio-político e histórico, cada formação social constrói um conjunto de classificações que permite que seus membros se identifiquem entre si e identifiquem os outros. Os sentidos que fazem uma nação constituem-se sócio-historicamente sob uma forma estabilizada que produz o sujeito, dando-lhe o que ver, fazer, temer, esperar. E, através dessa via, o sujeito reconhece a si mesmo e o outro, determinando quem faz e quem não faz parte de um país, o qual é delimitado por fronteiras. É este limite territorial que delimita quem está “dentro” e quem está “fora”. Bauman (2012) afirma que “ter uma identidade” parece ser uma das necessidades mais universais, embora não considere como uma necessidade universal, mas historicamente associada à fragilidade do sujeito.

A identidade social, o “nós”, inclui o “eu”, precário e inseguro, abrigo-o e dando-lhe segurança sobre o “eles”, os estranhos, adversários. O autor diz que parecemos participar da busca do que Michel Morineau chamou de “la douceur d`etre inclu” e cita Morineau, dizendo que:

Por si mesma, em certo sentido, essa expressão diz tudo: corresponde a um desejo básico – o de pertencer, fazer parte de um grupo, ser recebido por outro ou por outros, ser aceito, ser preservado, saber que tem apoio, aliados. [...] Ainda mais importante que todas essas satisfações específicas, obtidas uma a uma, em separado, é aquele sentimento subjacente e profundo, sobretudo o de ter a identidade pessoal endossada, confirmada, aceita por muitos – o sentimento de que se obteve uma segunda identidade, agora uma identidade social. (BAUMAN, 2012, p. 46).

O “nós” precisa ser poderoso e, para tanto, requer a ordem social, que cria a sede de identidade e a busca pelo doce néctar do pertencimento, bem como o medo da crueldade da exclusão. Dessa forma, o sujeito constituído como brasileiro, inserido em um processo histórico-social que fala dele como inferior, desqualificado e malandro, supondo controlar suas vontades, diz o que quer e o que não quer. No entanto, este (não) querer se dá a partir da determinação ideológica e inconsciente. Os sentidos que interpelam esse sujeito deixam marcas no seu inconsciente, as quais se manifestam em seu desejo de pertencer, de fazer parte de outro lugar, outra nacionalidade.

Todavia, para fazer parte deste outro lugar, não basta somente cruzar a fronteira física, existe outra barreira, a do sentido, que abarca toda uma trama social, histórica e política que é exterior ao sujeito. Dessa forma, as vozes que falam essa cultura não são conhecidas desse sujeito, mesmo que este se considere fluente na outra língua e na outra cultura. Além disso, este estrangeiro almeja coisas diferentes, não se priva do mesmo que o outro pelo bem da coesão social e, portanto, é visto como inimigo.

Esse desejo de pertencer confunde-se com a busca da felicidade, a qual almeja conseguir se tornando parte de outra cultura e podendo desfrutar da sua segurança, boa educação, boa saúde, melhor qualidade de vida, entre outros fatores descritos como necessários à felicidade nas entrevistas que fazem parte do nosso arquivo.

No entanto, ao se colocar na terra desejada, o sujeito é nomeado como estrangeiro/imigrante, ele encarna um personagem imaginário carregado de atributos negativos dominados por preconceitos e discriminação. Nesse processo, ao se reconhecer como diferente, o brasileiro busca restabelecer um laço com seu país. Segundo um estudo conduzido por Ribeiro (1999), para firmar o sentimento de pertencer ao Brasil, em San Francisco, desde 1992, é celebrado o Dia da Independência do Brasil, com um palco montado na Union Square. Nesse momento, participam representantes do consulado, artistas brasileiros, grupos artísticos que representam a cultura deste país, e o hino nacional é cantado. Há também em San Francisco um grande baile de carnaval que acompanha o calendário do Brasil. Em outro estudo, Sales (1999) fala da grande variedade de restaurantes brasileiros, do fato de os brasileiros conservarem os hábitos alimentares que tinham no Brasil, o que faz com que não sintam tanta falta do seu país de origem.

Buscando seu lugar na terra do outro, ao mesmo tempo que o brasileiro se coloca fisicamente neste espaço, ele se veste e reproduz os estereótipos que representam o exótico que fascina o outro. Esta é a maneira pela qual o brasileiro é chamado à existência nesta outra terra. Sua existência é reconhecida frente àquilo que o diferencia dos locais e o leva a ocupar seu lugar de subalterno. Mantêm-se, assim, as relações de poder e as fronteiras simbólicas.

Os brasileiros que se movem para estes espaços, denominados desenvolvidos e civilizados, colocam-se como “corpos dóceis”, expressão trazida de Foucault (2014). Como diz o autor (ibid, p. 134), “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Assim, este corpo está atado a poderes que lhe imprimem limitações, proibições ou obrigações, lembrando-lhe, sempre que possível, que é um “não-nacional” e que, portanto, está sendo constantemente vigiado e sujeito a ser expulso. Dessa forma, como aponta Kristeva (1994 [1941], p. 13), para os estrangeiros, “todos os insultos, todas as rejeições lhes são indiferentes na busca desse território invisível e prometido, desse país que não existe, mas que ele traz no seu sonho”.

Este espaço de relacionamento compreende o encontro com o outro e o desvio, o laço e a crise, a partilha e o conflito, sendo que deste embate desponta a violência que traduz o

ódio da diferença, manifesta naquele que não faz parte do contrato social e que não sofre do mesmo “mal-estar”, fazendo aflorar a hostilidade. Hospitalidade e hostilidade derivam do radical latino *hostis*, usado para se dirigir ao estrangeiro. Temos, então, hospitalidade e hostilidade como vertentes inseparáveis de uma relação. “Não há hospitalidade, no sentido clássico, sem soberania de si para consigo, mas como também não há hospitalidade sem finitude, a soberania só pode ser exercida filtrando-se, escolhendo-se, portanto, excluindo e praticando-se violência” (DERRIDA, 2003, p. 49). O autor esclarece também que,

[...] por todo lado onde o “em-casa” é violado, por todo lado em que uma violação é sentida como tal, pode-se prever uma reação privatizante [...] não dirigida contra o estrangeiro enquanto tal, mas, paradoxalmente, contra o poderio técnico anônimo (estrangeiro à língua ou à religião, tanto quanto à família ou à nação) que ameaça, junto com o “em-casa”, as condições tradicionais de hospitalidade. (Ibid, p. 47).

Dessa forma, a hospitalidade só é possível quando não ameaça a identidade. No entanto, dada a fragilidade dos laços sociais e da identidade, o estrangeiro rompe com a naturalidade do nacional e seu vínculo com o cidadão, colocando em xeque a ficção do “nós”, traz à tona a pergunta: “quem somos nós?”. Derrida (2003, p. 23), ao abordar a questão do estrangeiro em seu estatuto político, diz que hospedar o estrangeiro é uma questão condicional, de direito; de um lado, levando em conta quem é, de onde vem, se tem nome para que seja recebido; de outro, há a hospitalidade absoluta, incondicional, nesta se recebe o outro sem perguntas. Estas duas práticas são contraditórias, ao passo que a hospitalidade incondicional prevê que se receba o outro sem restrições, existem as leis que regulam as condições jurídico-políticas da hospitalidade condicional.

Não obstante, dado que “o nacionalismo tranca as portas, arranca as aldravas e desliga as campainhas, declarando que apenas os que estão dentro têm direito de estar aí e acomodar-se de vez” (BAUMAN, 2001, p. 203), a hospitalidade só é possível a partir de uma relação de soberania, que é exercida a partir da escolha de quem tem direito à hospitalidade, excluindo e praticando a violência contra aqueles de que se diz não ter direitos. Estes são considerados hóspedes ilegítimos, clandestinos, parasitas, passíveis de expulsão ou detenção. A hospitalidade, dado seu caráter paradoxal (incondicional e condicional), transforma-se em hostilidade.

Assim, os sujeitos brasileiros desta pesquisa estão entre o desejo da hospitalidade e o encontro com a hostilidade, de um lado, e o mal-estar sentido em “casa” e a possibilidade de pertencimento, do outro. Estranhos em casa, sem sentir-se em casa no estranho, é um “nós” em busca de entrelaçar-se e em constante fuga. O estrangeiro está simultaneamente dentro e fora, está num entre-lugar²¹ – ao mesmo tempo que deseja partilhar a identidade e ser bem recebido no espaço da nação na qual se encontra, ele tem um pedaço de si alhures.

Entretanto, a formação do “nós”, a identificação com uma comunidade se dá por oposição aos outros, assim, criam-se características nacionais e estereótipos sobre os outros países. Rinaldi (1996, p. 88), citando Dumont (1983), expõe que “se não existissem inimigos seria preciso inventá-los”. Assim, a ideia de um inimigo, invasor é integrante para que um grupo permaneça unido, sob a ilusão da homogeneidade. É esse sentido do diferente que mantém a ilusão da indivisão interna em oposição à externa e que considera tudo que é externo estrangeiro. Nota-se o caráter paradoxal desta posição. Ao mesmo tempo em que o medo do estrangeiro é necessário para manter a união da nação, o estrangeiro,

21 Termo apresentado por Coracini na obra “A Celebração do Outro” de 2007.

quando integrado, misturado ao grupo, ameaça, dada a fragilidade com que são atados estes laços. Abre-se a possibilidade de reconhecimento do estrangeiro que constitui cada sujeito que está hospedado em sua morada.

Para o sujeito em posição de brasileiro, que se assujeita ao outro e cujo processo de subjetivação em outra língua procede desse encontro com o outro, que também passa a constituí-lo, persiste o desejo de ser igual ao outro. Entretanto, esse desejo de se tornar o outro, ao se mostrar impossível de realizar, posto que o riso não se compartilha, as aproximações de sentido não chegam e a sensação do familiar não é sentida, pode tornar a busca por se traduzir sufocante, e este sujeito volta-se, então, para o grupo no qual deveria sentir-se em casa, acolhido, confortável. Contudo, esta sensação de segurança e pertencimento não é mais sentida quando, no Brasil, o que era familiar já não está mais disponível. Este sujeito falado por duas línguas e duas culturas carrega marcas destes dois espaços e já não se sente “dentro”, “em casa” em nenhum desses lugares, este sujeito encontra-se num entre-lugar, está entre-culturas. Neste caso, nenhum lugar serve, devido à falta que o constitui, está sempre desejando o outro que está distante. No encontro com o outro, somos sempre estrangeiros, já que estamos diante do que nos é estrangeiro.

Nas SDs abaixo, podemos observar esse lugar entre-culturas em que se coloca o brasileiro.

SD 7 - Quando a gente, ahm, quando a gente começa a morar por tanto tempo assim em outro país, eu acho que a gente acaba não servindo em nenhum lugar, assim, sabe? (Lisa - EUA).

SD 8 - A minha relação com o Brasil é uma relação complicada eu acho porque... tem dias assim, que eu tenho muita saudade e digo, ah eu tenho mesmo que voltar assim, quando acontece alguma coisa ruim, eu fico pensando, ah, eu sei que temos problemas mas como é bom a gente se sentir em casa, bem recebido assim, então, eu tenho esse sentimento de querer voltar, [...] mas por outro lado, tem dias que eu penso, não sei se seria capaz de conviver com alguns problemas que nós temos aí, a gente acaba ficando um pouco intolerante, acho que tem que estar sempre com atenção porque as pessoas tão... tentam te dar um golpe... te logra. Liga alguém, por exemplo, da GVT, do telefone, cê tem que cuidar porque você diz que não quer um serviço, por exemplo, aconteceu com meu irmão, ah não quer o serviço, depois de um mês debitam da tua conta assim, parece que é um pouco uma selva assim, sabe, todas as pessoas tentam tirar o máximo de proveito e não se preocupam com o outro. (Joana - Portugal).

SD 9 - Então, eu acho que eu sinto falta das pessoas, do brasileiro em si, assim. É, sinto falta do meu idioma, de me comunicar no meu idioma, sinto falta do...sei lá, do humor do brasileiro. Sabe? Eu até descobri um negócio agora, que agora eu assisto todo dia, que se chama Porta dos Fundos, e tô assim, matando as minhas saudades, entendeu? Porque daí você entende que é do seu, do seu, assim, povo. Sei lá. Eu acho que é disso. Disso que eu tô sentindo falta. (Luana - Noruega).

SD 10 - A gente sofre uma questão de preconceito e por alguma razão a gente nunca se sente em casa. Assim, a gente nunca se sente no nosso país, como sentimos no país de origem. (Luísa - EUA).

SD 11 - Acho que o Brasil é a minha terra né? Então eu acho que a nossa terra vai ser sempre a nossa terra, e tem muita coisa que você vê fora, assim, pensando não sei o que exatamente, mas tem muita coisa que você fala “pô, por que os caras fazem isso aqui?”. É, você fica... essas coisas assim de tão pessimismo, por exemplo, aqui na França eles têm ajuda pra casa, ajuda com comida ajuda pra saúde, ajuda pra não sei o quê ainda assim tão sempre reclamando porque às vezes a vida é complicada. Aí a gente não tem nada e ninguém se revolta, ninguém faz nada. (Luciana - França).

SD 12 - Em relação com o Brasil então, eu acho que o Brasil é meu país, tipo a gente sabe que é lugar de onde a gente vem e tal, não tem como você esquecer é algo seu, isso aí, suas origens estão ali e tipo em relação a família você tem contato sempre e hoje em dia tá mais fácil então essa é a minha forma de estar mais próxima do Brasil também. (Lúcia - Noruega).

Constata-se, nestas SDs, o sentimento ambíguo com relação ao Brasil. O limbo, no qual estes sujeitos se colocam, mostra de um lado o ressentimento, a falta de credibilidade atribuída ao povo brasileiro, como quando Joana diz “não sei se seria capaz de conviver com alguns problemas que temos aí, a gente acaba ficando intolerante”. Ao se dizer intolerante, Joana se percebe diferente, se afasta do brasileiro e se aproxima dos sujeitos com os quais convive. A palavra “selva” presente nesta SD associa os brasileiros aos povos bárbaros, aqueles que não são civilizados, que agem por instinto.

Por outro lado, nota-se o desejo de se sentir em casa, bem recebido, o que pode ser observado ainda na SD 9. Esta ilusão do lugar de “conforto”, do lugar de pertencimento, também aparece quando Luana diz sentir falta do brasileiro – remetendo àquele a quem se assemelha –, do seu idioma, do seu povo, do que se pode derivar que ela sente falta do espaço que compreende, ou seja, do espaço em que ela domina o idioma e a “cultura”, espaço cujo funcionamento ela conhece. Esse sentimento de falta não é preenchido devido ao preconceito, como diz Luíza na SD 10, o que faz com que se sintam sozinhos, desamparados, longe de casa. O uso do pronome possessivo nas SDs 11 e 12 remete à necessidade de ter uma ligação com o Brasil e, para isso, precisam da ilusão de possuir o direito a esse lugar que reconhecem e ao qual pertencem e que, apesar das dificuldades, é um lugar onde podem se sentir seguros e onde serão bem recebidos.

O sujeito, ao se colocar em outro espaço, com outra cultura, é chamado à existência. O sujeito é “preso” numa rede de discursos que lhe fornecem os objetos ideológicos ao mesmo tempo que a maneira de se servir deles. Esses sujeitos, enquanto estrangeiros, são levados a se identificar com uma comunidade, com um povo, como que a “personificação desse conjunto”. Esses processos de imposição/dissimulação que significam para ele o que ele é têm sua fundação nas condições ideológicas de reprodução/transformação das condições de produção.

Quando os estrangeiros se referem a brasileiros que migram para outros espaços, as representações que se têm destes são ancoradas em estereótipos, na maioria das vezes negativos, como já vimos em capítulo anterior, que determinam seus lugares. Sendo a ideologia que determina esses dizeres “feita de práticas e não de ideias” (PÊCHEUX, 2009 [1975]), esses sujeitos são lembrados de suas posições através de atitudes discriminatórias e de exclusão. Essa relação de desigualdade-subordinação é indispensável para que a classe dominante assegure sua superioridade.

Esse sujeito capturado por esses discursos identifica-se a eles enquanto povo, mas se exclui enquanto revestido por sua individualidade, pois, ao passo que faz parte de um país, sendo também sujeito desejante que deseja fazer parte de outro espaço, compreendido como superior, mais civilizado, ele se exclui, se coloca como um observador que reconhece e critica as atitudes de seus compatriotas.

Nesse processo, diante da impossibilidade de tornar-se outro, esse sujeito se volta para suas origens, já que, devido ao seu caráter social, tem necessidade de pertencer a um gru-

po. No entanto, dado o amontoado de representações desprovidas de sentido que habitam o inconsciente desse sujeito – resultantes do processo de subjetivação na primeira língua e também na língua outra, representações estrangeiras ao próprio sujeito, das quais sofre uma imposição de sentido para que configure o imaginário –, o sujeito se vê tomando uma posição em relação a essas representações com base no lugar que configura para si mesmo, aceitando-as ou rejeitando-as. Sobre o que vivenciamos como realidade, Lacan (1998 [1901-1981]) diz que esta não é a “própria coisa”, é sempre já estruturada pelo simbólico, que sempre fracassa, jamais consegue “capturar” inteiramente o real. Dessa forma, a realidade adquire a estrutura de uma ficção e “Para que emerja (o que vivenciamos como) a ‘realidade’, algo tem que ser foracuído – em outras palavras, a ‘realidade’, tal como a verdade, nunca é, por definição, ‘toda’” (ZIZEK, 1996a, p. 26), pois algo sempre escapa ao simbólico.

O sujeito se coloca, então, num entre-culturas, pois não se reconhece mais como brasileiro, nem como outro. Como resultado, podemos observar guetos, nos quais os brasileiros residem e replicam características que remetem ao Brasil, bem como exaltam estereótipos considerados positivos.

Trata-se de um sentimento paradoxal, simultaneamente ao fato de que revivem o Brasil, não desejam deixar o espaço da outra cultura. O espaço do outro, o outro país serve, então, de refúgio para manter distância dos problemas do Brasil. Da mesma forma o Brasil serve de refúgio com relação ao preconceito, à discriminação, é o “porto seguro” que representa estar “em casa”, o conforto do pertencimento, de onde não pode ser expulso. Poderíamos dizer que se trata de um sujeito desterritorializado. Em Haesbaert (2012), a ideia de desterritorialização vai além da representação da extinção do território, ela se relaciona à recusa em se reconhecer ou à dificuldade em se definir um novo território.

Uma das dificuldades enfrentadas pelos estrangeiros é a questão do territorialismo, que é definido por Prévert (1993), citado por Haesbaert (2012, p. 180), como a supervalorização de “um território de pertencimento, a ponto de pretender excluir toda pessoa considerada como estrangeira [...] o territorialismo tem a ver com o terrorismo”.

Esse recrudescimento do movimento terrorista construiu vinculações genéricas e apressadas entre migrações e terrorismo internacional, no entanto, os mais afetados são aqueles vindos de países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos, já que entendidos como “menos civilizados”. Nesse sentido político, as migrações são controladas pelos Estados-nações, que procuram exercer o controle do fluxo de pessoas, compreendendo a tal “globalização” somente ao que diz respeito à circulação do capital financeiro ou do fluxo de mercadorias, bem como à expansão do modo de vida dos países desenvolvidos, principalmente os EUA.

Dessa forma, a territorialização envolve sempre uma relação de poder mediada pelo espaço: é preciso controlar o espaço para controlar os processos sociais e manter a relação de desigualdade-subordinação com os estrangeiros que não têm direito às leis da hospitalidade, sendo necessário vigiá-los ao mesmo tempo que se deve despertar a admiração destes para que essas relações se mantenham. Há um entrelaçamento entre as forças de territorialização e as de desterritorialização, e desse embate surgem contradições.

Considerações Finais

Dando um efeito de conclusão para este texto, podemos dizer que os diferentes sentidos atribuídos aos termos imigrante, estrangeiro e expatriado, que ora podem ser usados

como sinônimos, ora supõem sentidos muito diferentes, atestam a presença da ideologia na produção dos sentidos. Assim, os sentidos não se encerram nas palavras, mas estão em movimento constante em sua relação com o simbólico e com a história, tomando forma na fala dos sujeitos, nos possibilitando perceber a relação de forças existente, bem como o lugar que estes sujeitos ocupam na formação social em que se encontram.

A partir das análises, podemos verificar que sujeito em seu lugar de brasileiro, quando no espaço outro, tenta estabelecer laços, fazer parte deste espaço, no entanto, o que podemos observar é a resistência dos locais em abraçar, receber o diferente, o imigrante, o estrangeiro, os quais representam o perigo para este grupo que se pensa homogêneo. A diferença inscrita na figura do imigrante, principalmente naquele que vem de países periféricos, é rejeitada, marginalizada.

Face a estas dificuldades, ao mesmo tempo em que os sujeitos desejam sentir-se parte desse novo lugar, nota-se que se voltam para o Brasil, tentam reproduzir aspectos de sua cultura neste outro espaço, talvez para encobrir a dimensão da falta, para sentirem-se no conforto do lar. Assim, o que acontece é que estes sujeitos se colocam num entre-culturas, onde não se sentem parte do lugar onde estão, mas desejam estar ali pelo fato de ser um país considerado desenvolvido, que se diz oferecer melhores condições de vida, melhores oportunidades. Todavia, já não se sentem em casa quando no Brasil, pois este sujeito, sendo interpelado por outros discursos vindos de outro universo de significantes, com outra historicidade, se modificou, uma vez que o “eu” do sujeito está em constante processo de identificação.

Referências

- BAUMAN, Z. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- _____. *Danos Colaterais: desigualdades sociais numa era global*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CALDAS AULETE, F. J.; VALENTE, A. L. S. *iDicionário Aulete*. Lexikon Editora Digital Ltda. Disponível em: <www.aulete.com.br>. Acesso em: 14 jul. 2016.
- CAMUS, A. *O Estrangeiro*. Rio de Janeiro: Record, (1942) 1999.
- CORACINI, M. J. *A celebração do Outro*. Arquivo, memória e identidade. Línguas (materna e estrangeira) plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- DELGADO, R. M. ¿Quién puede ser “inmigrante” en la ciudad? In: _____. *Exclusión Social y Diversidad Cultural*. Donosita: Tercera prensa, 2003, p. 9-24.
- DERRIDA, J. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FREUD, S. O estranho. In: _____. *História de uma neurose infantil*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, n. 17, (1919) 1996, p. 233-270.
- GAGNEBIN, J. M. A competência do estrangeiro. *Revista Humanidades*. Brasília:

Editora UNB, n. 57, 2010.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HOUAISS, A. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <www.dicio.com.br/houaiss/>. Acesso em: 14 jul. 2016.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

KOLTAI, C. *Política e Psicanálise*. O estrangeiro. São Paulo: Escuta, 2000.

KOUTONIN, M. R. Why are white people expats when the rest of us are immigrants? *The Guardian*, mar. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2015/mar/13/white-people-expats-immigrants-migration?CMP=share_btn_fb>. Acesso em: 1 ago. 2016.

KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, (1941) 1994.

LACAN, J. J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, (1901-1981) 1998.

ORLANDI, E. *Cidade dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

_____. *Análise em discurso: sujeito, sentido, ideologia*. 2. ed. Campinas: Ed. Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, (1975) 2009.

_____. Foi propaganda mesmo que você disse? In: ORLANDI, E. P. (Org). *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Textos Selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, (1979), 2011.

PROFISSIONAL E NEGÓCIOS. *Tempos de Expatriação*. 23 out. 2013. Disponível em: <http://www.profissionalenegocios.com.br/materias/materia.asp?cod_materia=452>. Acesso em: 1 ago. 2016.

RIBEIRO, G. L. O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em São Francisco. In: REIS, R. R.; SALES, T. (Orgs). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

RINALDI, D. Ética da diferença. Rio de Janeiro: Ed UERJ: Zahar, 1996.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, C. Entre o espaço e seus habitantes. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2002.

SALES, T. Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston, EUA. In: REIS, R. R.; SALES, T. (Org). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo editorial, 1999.

SAYAD, A. *A imigração*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SIMMEL, G. O estrangeiro. *RBSE*. v. 4, n. 12, dezembro, (1908) 2005.

ZIZEK, S. O espectro da ideologia. In: _____. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Recebido em: 22/08/2017 Aceito em: 31/10/2017